



## UMA NARRATIVA ANTILHANA E A CURA PELAS PLANTAS: BRUXARIA OU PRÁTICA CULTURAL



Josilene PINHEIRO-MARIZ\*  
Saulo Rios MARIZ\*\*

### RESUMO

A literatura pensada como registro cultural de uma determinada sociedade vem, a cada dia, ganhando mais espaço, sobretudo, no âmbito dos estudos culturais. Na realidade, a obra literária, por ter marcas do real ocupa um lugar privilegiado nesse âmbito. Entretanto, não é muito o que se tem ponderado sobre esse lugar do real e do imaginário na obra literária, uma vez que este parece ser um assunto já resolvido, pois sabe-se que a obra literária é reflexo de uma realidade; ou, seria o inverso? Nestas reflexões, nos debruçamos sobre um romance guadalupense que retrata uma prática sociocultural na região das Antilhas. *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, romance de Simone Schwarz -Bart é uma narrativa cuja prática social da cura pelas plantas é muito relevante. Agregando-se outra questão mais ligada à relação entre ficção e realidade. Buscamos, então, discutir essa cura, sob uma ótica da atualidade, colocando em destaque a própria obra literária como um elemento que se torna responsável por dar veracidade à ficção. Este estudo bibliográfico e documental está ancorado em reflexões feitas tanto no campo das Ciências da Saúde, quanto na relação entre literatura e realidade, no qual ressaltamos o valor literatura enquanto veículo essencialmente cultural.

Palavras-chave: cura; sociocultural; Antilhas; Simone Schwarz -Bart

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir a respeito da literatura e a sua representação para a vida e se ela está a serviço da realidade ou se é a realidade que alimenta a ficção é, por certo, uma das basilares inquietações que povoam os estudos literários. Isso resulta em se perceber a obra literária por um viés que parece estar sempre buscando a vida real

---

\* Professora de Língua e Literaturas de Língua Francesa, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), atuando na Graduação em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino na mesma Universidade.

\*\* Professor de Farmacologia e Toxicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), atuando nos cursos de Medicina e Enfermagem e na Pós-Graduação (DINTER- UFCG-UFCMG).

contada na narrativa do autor. Isto é: se a literatura é uma reflexo da realidade, quais aspectos nos fazem ver a obra como, de fato, real? Afinal, a literatura se transmuta em tantos domínios, seja na Filosofia, nas Ciências Exatas ou nas Ciências da Saúde, estamos sempre lendo a obra literária por uma esquelhara do real, embora compreendamos que se trata de ficção.

No caso das Ciências da Saúde, em particular, -uma vez que essa é uma de nossas searas-, parece-nos que aproximá-la da literatura é ainda mais “natural”, pois se pensarmos a respeito dos sofrimentos físicos que podem conduzir o personagem da ficção à morte, a leitura da obra literária passar a ter mais credibilidade; pois, “lidar” com questões de saúde são tão inerentes ao homem, quanto pode ser lidar com as questões ligadas à ficção literária.

Não obstante o fato de esses dois campos estarem tão próximos do homem, Ciência e Ficção são, sem nenhuma dúvida, dois mundos completamente opostos, posto estarem um no âmbito da razão, enquanto o outro subjaz nos laivos na imaginação, resultando assim em mundos que caminham em direções inteiramente antagônicas. Isto é explicado porque se um está no nível do imaginário (ficção), o outro precisa estar com as suas raízes firmes e comprovadas (ciência), para que assim, seus resultados sejam reconhecidos e reverenciados, divergindo, conseqüentemente, da ficção visto que suas bases estão para além do imaginário ou da fantasia.

Entretanto, uma obra de ficção, por exemplo, carece de bases ancoradas na realidade para que também alcance o respeito de quem a lê. Grandes clássicos da literatura, como *Madame Bovary* (1857), do escritor francês Gustave Flaubert, foi inspirada em um episódio lido nas páginas policiais de um jornal da região de Rouen. Isso posto, sabe-se que alguns anos antes da publicação dessa obra-prima Flaubertiana, dois de seus amigos, Louis Bouilhet (a quem o autor dedica a primeira parte do romance) e Maxime Ducamp chamam a atenção do amigo Gustave para o caso Delamare que ficou famoso na região, tendo sido publicado em um importante jornal local em 1851 (AJAC, 1986, p.8). O relato jornalístico contava a história do oficial de saúde Eugène Delamare, casado em segunda núpcias com uma jovem de dezessete anos, Delphine Delamare. Naquela pequena cidade na qual viviam; ela, a jovem Delamare, vivenciou algumas aventuras amorosas, além contrair enormes dívidas para a sua família, acabando morta por auto envenenamento. Na realidade,

não é difícil dissociar o romance *Madame Bovary* desse episódio e, muito certamente, por essa razão, o autor foi conduzido aos tribunais, respondendo juridicamente ao processo que o acusava de trazer danos às famílias francesas por apresentar uma personagem que representaria uma vergonha nacional, já que se tratava de uma dama da sociedade.

Se continuarmos no universo das letras francesas, anos antes da publicação de *Madame Bovary*, deparamo-nos com o caso de Julien Sorel levado à imortalidade no romance *Le rouge et le noir*, do importante autor Henri-Marie Beyle, mais conhecido sob o pseudônimo de Stendhal, que nos anos de 1830, foi igualmente inspirado de uma página jornalística. O romance publicado com o subtítulo de *Crônicas do Século XIX* conta a história do jovem Berthet lida nos jornais da época (1827). A narrativa relata a história de Julien Sorel, um jovem filho de artesãos, como Berthet e também seminarista, que foi julgado e condenado à morte pelo assassinato de sua antiga amante, a esposa de um importante homem daquela cidade. Berthet, assim como Julien, havia sido contratado para ser o preceptor dos filhos do casal, mas, em uma ocasião pública, -em uma missa-, o jovem assassina a amante. Portanto, é irremediável a não percepção dos laços entre a história de Julien Sorel e Madame de Rênal no romance stendhaliano.

Poderíamos enumerar muitas outras obras, que para estarem mais próximas da realidade, foram buscar inspiração no real. Essa necessidade de bases sólidas na construção da ficção romanesca se constitui em um de nossos principais focos, se não o basilar de nossas discussões, uma vez que buscamos debater sobre essa relação que existe entre a ficção literária e outros domínios do conhecimento humano como o Direito, enfocando-se, neste caso, nas Ciências da Saúde. No caso do supracitado romance *Madame Bovary*, ao longo da leitura do capítulo oito, da terceira parte, na qual se lê o detalhamento do envenenamento da personagem central, observa-se quão precisos são os detalhes da intoxicação, comprovando que a narrativa ficcional precisa de bases na ciência, dando a ela o que especialistas da literatura nomeiam de verossimilhança ou outras definições nesse sentido.

A verossimilhança está ligada à imitação, que vem do grego *mímesis* e do latim *imitatio*, palavras diretamente relacionadas à imitação, reprodução (AUERBACH, 2004). Trata-se, pois, de um pensamento que vem de Aristóteles, ao afirmar sobre a imitação na arte e na vida como uma atividade puramente humana e

um elemento que também diferencia o homem dos animais. É uma noção que está ligada à *poièsis* como fundamental na filosofia platônica e na poética aristotélica; para eles, essa era uma forma de o artista representar, a partir do que via.

Mas, sabe-se que ao longo das gerações, as ideias sobre a representação do real foram mudando e Horácio, por exemplo, passou a defender o princípio aristotélico da arte; mas, Gagnebin, (1999), por exemplo, faz um histórico da evolução do termo, discutindo essa noção de mimeses a partir de Platão, Aristóteles, passando por Adorno e Horkheimer e Walter Benjamin. Para a estudiosa da produção benjaminiana, Gagnebin (*op. cit.*), a mimese pode estar relacionada ao medo. Para ela: “[...] tal ‘mimese incontrolada’ deve ser, nas palavras de Adorno e Horkheimer, ‘proscrita’, se o homem quiser se livrar do medo originário [...]” (GAGNEBIN, *id. ibid.*, p. 75). Trata-se, portanto de um caminho para a catarse, circunstância na qual o homem pode “[...] tentar dominar essa natureza, isto é, iniciar o controle da racionalidade iluminista” (*idem*). Então, como lidar com essa noção sem que se perceba quão delicada ela é? Diante da controvérsia própria de sua natureza, é muito importante que se pondere que é impraticável que se leve tal noção ao pé da letra.

A partir dessas observações, intentamos neste artigo, originado de uma pesquisa de cunho bibliográfico, instigar reflexões entre o real e a ficção dentro do contexto de um romance antilhano que é considerado uma obra-prima da literatura guadalupense. Publicado no início dos anos setenta, em 1972, *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, da escritora Simone Schwarz-Bart, é uma obra que tem forte oralidade, marca tão tradicional nas narrativas da região das Antilhas. Para estudiosos da produção dessa respeitada escritora, essa narrativa é inteiramente coberta por atributos que misturam o real e o maravilhoso, revelando um maravilhoso não comum, surreal, insólito e mágico (AÏTA, 2008). Um dos principais veios dessa narrativa, tão particular, está centrada em uma atividade própria de um povo que, em boa parte, guarda ensinamentos provenientes dos ancestrais africanos. Essa região caribenha tem uma população marcada por um histórico de colonização e é, de maneira geral, formada por povos de línguas diversas, tais como francês, espanhol e inglês, sem se falar no crioulo, tão particular dessa região, sobretudo quando comparado a outros crioulos como os das ilhas de Madagascar ou da Ilha da Reunião.

Essas características muito presentes no romance *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, primeira grande obra de Simone Schwarz-Bart, permitem que a obra seja lida quase como um hino à identidade local. Sob a ótica de diversos escritores e estudiosos, trata-se de um romance que pode ser considerado a grande obra da literatura da região, pois ele veio a público em um momento no qual a noção de nacionalismo tornava-se comum no dicionário caribenho. Muito provavelmente por tratar de uma questão tão popular como o uso de plantas medicinais, que tornou a protagonista “Miracle”, é que pode ser lido com tanta verossimilhança.

Então, a fim de explorar a dicotomia entre efeito farmacológico e o efeito placebo que retroalimenta uma herança considerada mística, do uso de plantas medicinais, enquanto um dos principais fatores que dificultam a adesão à fitoterapia por profissionais de saúde, buscamos dar enfoque à questão ressaltada na narrativa da cura pelas plantas como um comportamento social da região. Além disso, ressaltamos que a prática cultural -da cura pelas plantas- é, por certo, o elemento da realidade que melhor nutre esta ficção antilhana.

Assim, estas reflexões estão embasadas em reflexões teóricas de Compagnon (2012) e Auerbach (2004) no que concerne à obra literária enquanto real ou sua representação, além de Morin (1991) que vê a necessidade de um saber multidimensional e também nas noções oriundas da etnofarmacologia, que se ocupa em conhecer o uso popular das plantas e de outros medicamentos naturais (CASTRO, 2005; BRASIL, 2012). Enfocamos também nos domínios da toxicologia que também se preocupa em estudar os efeitos tóxicos até mesmo da própria fitoterapia (OLSON, 2014; OGA; CAMARGO; BATISTUZZO, 2014; KLAASSEN, 2013). E, nesse percurso, destacamos a relação entre o real e o imaginário, considerando que, sempre, um lado será nutrido pelo outro, pois assim é a realidade no universo da ficção.

## **1. A HERANÇA CULTURAL AFRICANA NO ROMANCE *PLUIE ET VENT SUR TÉLUMÉE MIRACLE***

A escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart construiu o romance *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, que se constitui em corpus desta pesquisa, tendo Télumée, como a personagem central; ela é uma mulher que “domina a arte da cura

através das plantas”, legado recebido dos seus ancestrais africanos de “curar pela natureza/ plantas”. Por essa razão, pode-se dizer que o romance retrata de modo muito real os modos de vida de toda uma sociedade, revelando a prática sociocultural de um povo.

A narrativa é, na verdade, a história três gerações de mulheres; e, é Télumée, que representa a terceira geração delas, a protagonista que narra sua própria vida e a de sua família, paralelamente à de seus patrícios guadalupenses. Ela é uma camponesa nascida no período pós abolição e foi criada por sua avó materna, uma belíssima negra chamada “*Reine Sans Nom*” (Rainha sem nome). Tendo sofrido vários tipos de preconceito como o racismo, a violência doméstica, a pobreza e a morte de todos os seus familiares, ela vai trabalhar nas plantações de cana de açúcar, uma das principais riquezas daquela região. Ressalte-se, entretanto que esse tipo de trabalho configurava-se como a última etapa da degradação humana para os negros locais. Muito embora tenha passado por todo esse sofrimento, Télumée não esquece jamais os sábios conselhos de sua avó; para ela, parece ainda ouvi-la, quando dizia: “Do mesmo modo que o coração humano é colocado em seu peito, é a forma como ele olha para a vida. Se o seu coração está bem colocado, vê-se a vida como deve ser vista, com o mesmo humor que um aguerrido equilibra-se em uma bola que vai cair; mas, vai durar tanto quanto possível, é isso!”<sup>1</sup> (SCHWARZ-BART, 1972, p. 79-80).

Resistência! Talvez, por essa razão essa narrativa seja tão admirada pelo guadalupenses. Nessa fala da personagem Reine Sans Non é muito claro o combate da vida, fazendo sobressair quanto o homem deve ser um ser aguerrido. Então, ao longo da narrativa, constata-se que para a protagonista foram repassados valores determinantes que lembram que mesmo dentro das injustiças da vida, é necessário seguir firme na caminhada, mesmo que sempre o mal vença sobre o bem. É necessário reafirmar ainda mais, pois só assim pode-se combater o mal inerente à própria vida. Por essa razão, embora tenha sofrido tantos estorvos na vida, Télumée sempre acreditou que “por mais que o mal seja grande, o homem

---

<sup>1</sup> *La façon dont le cœur de l'homme est monté dans sa poitrine, c'est la façon dont il regarde la vie. Si votre cœur est bien monté, vous voyez la vie comme on doit la voir, avec la même humeur qu'un brave en équilibre sur une boule et qui va tomber, mais il durera le plus longtemps possible, voilà.* (SCHWARZ-BART, 1973, p. 79-80). Todas as traduções para este artigo são de nossa autoria, salvo menção contrária.

deve se fazer ainda maior” (SCHWARZ-BART, *op. cit.*, p. 82). O que para muitos pode parecer um discurso de fracasso, no romance parece tomar uma força que legitima o combate, pois para a sobrevivência daquela gente, era necessário que a vida fosse vista por um prisma que permitisse suportar os sucessivos insucessos da vida. Com isso, pode-se garantir que essa é a tônica da narrativa, a ideia que é inculcada pela avó e que a faz viver uma vida que retrata uma espécie de filosofia de resistência e combate a tudo que lhe sobrevêm.

Evidentemente, além da presença da noção do combate e da resistência, há nesse romance outras marcas que fazem dele um clássico da literatura pós-colonialista das Antilhas. Em seu país, Guadalupe, o romance *Télumée* é, atualmente, uma leitura quase obrigatória para os estudantes em idade escolar, dada a sua força narrativa e o resgate da cultura local marcadamente oral. Por essa razão, os provérbios, enquanto marca da oralitura<sup>2</sup>, a exemplo da máxima –lida acima-, deixada pela Rainha Sem Nome, a avó, são recorrentes na literatura pós colonial. Sejam cantigas, provérbios ou gêneros orais semelhantes, em *Télumée* é possível, desde o seu *incipit*, ouvir, de certa forma, a melodia que faz desse romance um caminho necessário para melhor compreender a cultura guadalupense.

Se considerarmos o *incipit* como aquele momento no qual a narrativa pode conquistar o leitor, posto estarem ali as primeiras noções que serão expostas ao longo da obra literária, percebe-se claramente, neste caso, que o leitor é facilmente seduzido por uma melodia insular que parece ser encantadora o bastante para conduzir ao restante da leitura. Ainda neste caso, este *incipit* responde às questões primárias postas pelo leitor: onde e quando se passa a narrativa, quem seriam os personagens, quem narra e qual o ponto de vista do narrador? Estes são elementos facilmente observáveis neste trecho do romance que ressalta o espaço narrativo, como uma real melodia insular, mas, sobretudo, ressalta a força da narração dessa escritora, ratificando o porquê de esse romance ser tão lido e apreciado no arquipélago da Guadalupe ainda nos nossos dias.

A narrativa harmoniosa, portanto, inicia-se assim:

O país depende frequentemente do coração do homem: é minúsculo se o coração é pequeno, e imenso, se o coração é grande. Eu nunca

<sup>2</sup> Entendemos oralitura no sentido dos estudos africanos, que ressaltam a harmonia da narrativa oral na literatura, daí o termo ser, hoje em dia, bastante conhecido e utilizado.

sofri com a exiguidade do meu país, mesmo sem pretender ter grande coração. Se me dessem o poder, seria aqui na Guadalupe, que eu escolheria renascer, sofrer e morrer. Entretanto, há pouco, meus antepassados foram escravos nesta ilha de vulcões, ciclones e mosquitos, de má mentalidade. Mas eu não vim ao mundo para sobrepesar toda a tristeza do mundo. Em vez disso, eu prefiro sonhar de novo e de novo, em pé no meio do meu jardim, como todas as velhas da minha idade, até que a morte me tome no meu sonho com toda a minha alegria...<sup>3</sup> (SCHWARZ-BART, 1973, p. 11).

A partir deste início da narrativa, observa-se de imediato a relação afetiva entre a narradora e a sua terra, sua pequena ilha. Para ela, o pequeno tamanho de seu país natal é, na verdade, um questão de ponto de vista, uma vez que a dimensão depende de como o coração o sente, podendo ser minúsculo ou ter extensões continentais. Essa ótica ocupou um importante lugar no imaginário antilhano ao longo da década de setenta, período conhecido como um momento de intenso nacionalismo, pós-colonização. A assertiva: “Se me dessem o poder, seria aqui na Guadalupe, que eu escolheria renascer, sofrer e morrer” reforça o amor e o respeito por esse lugar que embora pareça ínfimo em tamanho, se for pensado dentro de uma extensão planetária, é também imenso sob o prisma do coração, isto é, da afetividade.

Não é difícil perceber o gênero oral na melodia deste *incipit*, que como em todos os romances, ocupa um lugar basilar enquanto guiar de leitura, pois aqui é possível identificar onde a narrativa acontece e nota-se também que a narradora já não é mais jovem, pois diz: “Em vez disso, eu prefiro sonhar de novo e de novo, em pé no meio do meu jardim, como todas as velhas da minha idade, até que a morte me tome no meu sonho”. Neste excerto, a ideia do amor da narradora pelo seu país é manifesto pois, ainda que pequenino, não se constitui em motivo para impedir que goze de grande prestígio sob o seu olhar. É nesse momento, ainda do início da narrativa, que ela se coloca como herdeira dos antepassados, outrora escravos naquela Ilha. Percebe-se também um louvor à beleza natural da Ilha, com seus

<sup>3</sup> *Le pays dépend bien souvent du coeur de l'homme: il est minuscule si le coeur est petit, et immense si le coeur est grand. Je n'ai jamais souffert de l'exigüité de mon pays, sans pour autant prétendre que j'aie un grand coeur. Si on m'en donnait le pouvoir, c'est ici même, en Guadeloupe, que je choisirais de renaître, souffrir et mourir. Pourtant, il n'y a guère, mes ancêtres furent esclaves en cette île à volcans, à cyclones et moustiques, à mauvaise mentalité. Mais, je ne suis pas venue sur terre pour soupeser toute la tristesse du monde. À cela, je préfère rêver, encore et encore, debout au milieu de mon jardin, comme font toutes les vieilles de mon âge, jusqu'à ce que la mort me prenne dans mon rêve, avec toute ma joie.* (SCHWARZ-BART, 1973, p. 11).

vulcões e ciclones. Apesar de não ter uma visão de mundo muito larga, obviamente, Télumée relata sua experiência vivida por uma ótica de ratifica a resistência vivida ali no lugar em que sofreu maus tratos, indo até o último degrau da degradação humana, quando é obrigada pelas circunstâncias a ir trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar.

A partir dos ensinamentos da Rainha Sem Nome, sua avó, ela pôde guardar esse combate evidentemente percebido nesse afeto cantado melodiosamente ao seu país, pequeno, mas, imensamente amado ao ponto de levá-la, se possível, a viver tudo de novo, naquele mesmo lugar: lugar de sonhos e sonhos. Isso ressalta a relação afetiva, pois, com todos os sofrimentos vividos pela protagonista, como seria possível revir tudo apenas para nascer e viver naquele lugar? Esse sentimento, só um antilhano pode, realmente, sentir pois a dimensão territorial da Guadalupe é exígua, como diz a narradora. Contudo, esse se configura como o lugar do coração. Esse minúsculo lugar pode ser melhor observado no mapa abaixo, identificando-se nele o local em que se passa a narrativa.



IMAGEM 1: mapa das Antilhas, no Mar do Caribe, onde está localizada a Ilha da Guadalupe

Cercada por uma melodia mítica, que é observada na própria narrativa, a protagonista-narradora passa a ideia de uma natureza capaz de amenizar as dores da realidade (dura) da vida e, por esse prisma, o leitor depara-se com um romance

no qual Télumée tem o poder da cura pelas plantas. Considerando-se que ela sempre entendeu que o mal pode vencer o bem, ela não desiste e sempre está em busca de fazer o bem, por isso a partir de seus conhecimentos repassados por seus ancestrais, ela sara aquele que lhe havia feito muito mal, curando-o com o poder das plantas.

É nesse momento que a narrativa começa a estar mais próxima do que buscamos apresentar nestas ponderações reunindo romance e fitoterapia. Não são raras as vezes que se pode ler sobre o poder mítico da natureza na qual Télumée viveu desde a primeira infância ao lado de sua avó. Para elas, a natureza guardava respostas para todas as demandas humanas, representando um poder sobrenatural de cura e também de beleza estética.

Nestes excertos, ainda no início do romance, identificamos essa harmonia com a natureza:

Diante da adversidade, ela gostava de dizer que nada nem ninguém usaria a alma que Deus tinha escolhido para ela e colocado no seu corpo [...]

Ao longo do ano, fecundava baunilha, colhia café, mondava bananeiras e fileiras de inhame [...]

À tarde, ela se metia na floresta, arrancava espinhos e folhagens de coelhos e às vezes tomada de um súbito capricho, ela se ajoelhava à sombra de mahoganys, para procurar sementes chatas e brilhantes das quais se fazem colares<sup>4</sup>. (SCHWARZ-BART, 1973, p. 11, 12 e 13).

É essa beleza, até mesmo mística da natureza, que influenciou, diretamente, na formação humana da protagonista-narradora do romance, pois para ela existia uma harmonia natural entre a natureza e o homem, que deveria ser respeitada, posto ambos terem uma força muito além da alma humana. Neste excerto, mais uma vez, se percebe essa harmonia entre a personagem e a natureza, ambiente do qual ela podia ser alimenta, posto ter, aquela ilha, um encanto todo especial que só poderia ser melhor sentido pelos amantes da própria natureza.

<sup>4</sup> *Devant l'adversité, elle aimait dire que rien ni personne n'userait l'âme que Dieu avait choisie pour elle, et disposée en son corps [...]*

*Tout au long de l'année, fécondait vanille, récoltait café, sarclait bananeraies et rangs d'ignames [...]*  
*L'après-midi, elle se rendait en forêt, arrachait aux broussailles le feuillage de lapins, et, parfois, prise d'un caprice subit, elle s'agenouillait à l'ombre des mahoganys, pour chercher de ces graines plates et vives dont on fait des colliers* (SCHWARZ-BART, 1973, p. 11, 12 e 13).

Já na fase adulta e já idosa, após muitos sofrimentos, finalmente, a protagonista pôde experimentar da felicidade ao lado de Sonore, uma menininha que fora abandonada, tendo sido acolhida por ela. Recolhida com muitos ferimentos e chagas abertas, a menina é tratada e curada por Télumée, aquela que, a essa altura, já gozava de certo prestígio diante dos moradores de La Folie, lugar em que morava. Tal renome lhe fora naturalmente outorgado, uma vez que ela já agia como portadora de um poder, quase sobrenatural, de curar pelo poder das plantas. Entretanto, a felicidade ao lado da pequena Sonore é ameaçada com a chegada de outro personagem que destrói a harmonia entre o homem e a natureza: Ange Médard, um homem a quem Télumée só havia feito o bem. Mas, como ela já sabia, a vida é muito mais cheia de tristezas e sofrimentos, do que de alegrias; então, a felicidade de ter uma filha é interrompida por Ange Médard que, sorrateiramente, rapta a garotinha de sua mãe adotiva interrompendo a felicidade fugaz da vida de Télumée.

Lê-se, mais tarde, na narrativa que esse terrível homem retorna e, com a pequena Sonore já adolescente, após ele tê-la convencido que a mulher que a criou –a sua mãe adotiva- nada mais é que uma feiticeira e que ela não a ama. O desespero da heroína do romance é tanto que ela decide pôr fim à vida daquele terrível homem; no entanto, ela não executa seu propósito, pois ele sozinho e bêbado cai e esmaga o seu crânio na quina de uma mesa, vindo a ficar em coma total, à beira de uma morte iminente. Ao contrário do que se esperava que ela faria, Télumée cuida dele com toda atenção, fazendo uso de seus conhecimentos fitoterápicos para sarar aquele homem muito mau.

Mais um vez, nota-se a presença da luta do bem contra o mal, enquanto topos da literatura universal. O que ela havia ouvido ao longo de sua vida, nem sempre ganhando e até mesmo perdendo sempre, ela repassa a lição deixada por sua *Reine Sans Nom*: “é preciso dar espaço para o bem”. É diante desse fato marcante para todo aquele lugar que Télumée passa a ser conhecida como *Miracle* (milagre), posto que, embora vítima e com todos os motivos para dar cabo à vida de Ange Médard, ela age opostamente ao esperado e, além de não matá-lo, ela ainda o cura com os seus conhecimentos repassados por seus ancestrais, especialmente por sua avó.

É nesse ponto que a narrativa revela o ponto no qual fundamos a nossa discussão. O fato de a personagem central ter conhecimento da cura pelas plantas, como uma herança advinda de seus ancestrais africanos favorece uma leitura de uma visão necessária sobre a importância dos usos fitoterápicos das plantas, enquanto uma prática sociocultural e iniciativa que tem sido bastante incentivada pela própria Organização Mundial da Saúde (OMS).

## 2. A LITERATURA COMO ESPAÇO PARA A FICÇÃO NO DOMÍNIOS DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Iniciando as nossas reflexões mais diretamente ligadas à relação à qual nos propomos a discutir, identificamos na grande e também antilhana escritora Maryse Condé o quanto o romance de Simone Schwarz-Bart é emblemático no que concerne à força da natureza e na sua relação com o homem. Condé (1993, p.64) afirma: “Por intermédio de *Pluie et vent sur Telumée Miracle*, a natureza é onipresente. Ela não se dissocia do homem. Ela também é a vida com ele através de seus caprichos formidáveis, suas generosidades ... Ela forja o destino da Ilha”<sup>5</sup>. A partir dessa afirmação, podemos corroborar que a “natureza onipresente” é apenas uma das obliquidades dessa natureza rica e forte, marcada e colocada em destaque na narrativa da romancista Schwarz-Bart.

Nesse sentido, entendemos que ao longo da leitura do romance em estudo, existe uma relação que pode ser compreendida como sendo sobretudo complexa, visto que nela há a presença de elementos aparentemente opostos, pois de um lado está a natureza (que é porque é!) e do outro lado, encontramos a ciência (que precisa ter comprovação!); e, para ligar os dois mundos, temos o imaginário literário que precisa ter bases sólidas e firmes para que o leitor aprecie a obra. Assim, buscamos, dentro dessa perspectiva da complexidade, compreender o quê e o porquê se pode entender desse romance enquanto narrativa densamente complexa, assim como a relação entre a literatura e a ciência que aos olhos de muitos se configura em dois domínios muito distantes.

---

<sup>5</sup>À travers *Pluie et vent sur Telumée Miracle*, la nature est omniprésente. Elle ne dissocie pas de l'homme. Elle aussi est vie et avec lui, à travers ses caprices redoutables, ses générosités... Elle forge le destination de l'Île... (CONDÉ, 1993, p. 64).

A esta altura, é importante lembrar que o conhecimento humano não é fracionado, isto é, há séculos e séculos que o homem está em busca do elo perdido; portanto o saber “apenas em parte” não é suficiente para muitos que buscam o tal “elo perdido”. Então, recorreremos ao filósofo francês, Edgard Morin que nos dá suporte para melhor compreendermos a referida relação de complexidade. Morin (1991) discorre sobre a necessidade de um pensamento multidimensional ao afirmar:

Durante toda a minha vida, nunca pude resignar-me ao saber parcelado, nunca pude isolar um objeto de estudos do seu contexto, dos seus antecedentes, da sua evolução. Sempre aspirei a um pensamento multidimensional. Nunca pude eliminar a contradição interior. Sempre senti que verdades profundas, antagônicas umas às outras, eram para mim complementares, sem deixarem de ser antagônicas. Nunca quis esforçar-me para reduzir a incerteza e a ambiguidade. (MORIN, 1991, p. 10).

Pensar no saber não parcelado é o que nos leva a perceber alguns elementos na interpretação do romance. Legitimando a afirmação do filósofo, entendemos que o saber, -o conhecimento- é um todo e, portanto, precisamos abrir as muitas gavetas do conhecimento para que tenhamos acesso a um todo, um conhecimento mais integral. Em outras palavras, devemos estar sempre em busca do elo perdido, uma vez que, no universo, todas as coisas se ligam, se correspondem, já dizia o poeta Baudelaire em seu poema *Correspondências*.

Por esse prisma, entendemos o porquê de os romancistas, de um modo geral, buscarem em fatos reais as grandes inspirações para suas obras, como sinalizamos no início deste artigo, quando citamos dois clássicos da literatura francesa: *Madame Bovary* e *Le Rouge et le noir*. É, portanto, seguindo esse caminho que é possível que fatos da ficção sejam explicados pela ciência, determinando dessa maneira o que Aristóteles já havia sinalizado quando assegura sobre a imitação na arte e na vida, enquanto atividades particularmente humanas. Ora, em uma obra de ficção, por mais que o autor se dedique em explicar fatos, é necessário, todavia, que estejam próximos à realidade, fazendo o leitor acreditar no que lê, mesmo consciente de que se tratam de fatos fictícios.

Então, pensando na complexidade que deve ser experimentada e na relação em discussão, fazemos referência à Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNMF) registrados no nosso país pelo órgão responsável

que é o Ministério da Saúde (MS), (BRASIL, 2009). Isto porque segundo essa PNMF, deve-se dar enfoque e prestígio ao conhecimento de pessoas simples que, em muitas vezes, têm o seu saber desvalorizado por estar ligado às credences populares. Nesse sentido, o MS incentiva a valorização e preservação do conhecimento tradicional das comunidades e povos tradicionais no que concerne ao uso de plantas medicinais. Sob o olhar desse órgão, com uma política de uso racional de medicamentos fitoterápicos, muito do que se assiste cotidianamente em relação à saúde pública, como por exemplo, as superlotações em hospitais públicos, seria minimizado.

Porém, essa valorização do conhecimento popular não ocorre porque existe uma dicotomia entre efeito farmacológico em oposição ao placebo, sendo retroalimentado por uma herança mística do uso de plantas medicinais. Dito de outra forma, o fato de se fazer uso de plantas como medicamentos é um comportamento diretamente ligado a um saber popular e isso parece estar relacionado a uma credence e não à ciência. Por certo, esse legado dificulta a prescrição e uso de fitoterápicos, induzindo a população a uma percepção errônea de que planta e conhecimento popular estão puramente ligados ao misticismo, às crenças; ressaltando que na verdade, o que pode curar são os medicamentos industrializados e aqueles receitados por médicos, que seriam os grandes detentores do saber nesse campo.

Mesmo que para muitos a situação seja vista dessa forma, a validação científica desse uso racional de plantas medicinais é real e creditada por especialista da área das Ciências da Saúde, tendo uma subárea que se ocupa em estudar essa manifestação, chamada etnofarmacologia que é a área da farmacologia que estuda a maneira pela qual as diversas etnias usam medicamentos e outros produtos para tratar suas enfermidades, inclusive plantas medicinais. No entanto, ao lado dos estudos preconizados pela etnofarmacologia, há outra ciência que também se ocupa em estudar tais produtos, no que concerne aos riscos originários de efeitos indesejáveis que podem causar, trata-se da toxicologia, que identifica, também, os efeitos tóxicos no uso da própria fitoterapia (OLSON, 2014; OGA; CAMARGO; BATISTUZZO, 2014; KLAASSEN, 2013).

Ora, se a Organização Mundial da Saúde (OMS) incentiva o uso racional das plantas medicinais e se de um modo geral os medicamentos são muito caros e,

ainda, se esse uso das plantas “desafogaria” o sistema de saúde em hospitais e postos de atendimento, porque ainda hoje se vê esse uso como místico? Sendo visto como algo que não tem base na ciência? É nesse ponto que se funda o romance *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, de Simone Schwarz-Bart. Muito embora seja uma prática social saudável e incentivada por órgãos competentes, ainda existe nesse método um aroma que o circunda e que faz parecer ser sempre uma simples crendice, quando não é ainda mais grave, sendo considerado bruxaria. Então, entendemos que essa é a fonte de inspiração para o romance em estudo.

Eis que mais uma vez, encontramos-nos diante da complexidade da vida, nas palavras do filósofo, que também sustenta as nossas reflexões: saúde/ciência opondo-se à imaginação/ficção literária. Assim, a problemática da complexidade vista na ciência se contrapõe ao pensamento simplificador. Morin (1991) ressalta a importância de um saber que não isole o objeto de estudo do seu contexto, portanto, é necessário que esse saber integral e integrado seja experimentado também na leitura literária.

As Ciências Farmacêuticas têm se ocupado em apresentar dados que deem suporte para o uso de plantas medicinais, mas ainda nos nossos dias esse comportamento é visto como tabu, na narrativa de *Télumée*, ambientada em uma época bem mais anterior à hodierna, tal atitude é motivo para ofensas e acusações assim como fez Ange Médard à heroína do romance. Considerando a ambientação no início da década de setenta quando os estudos sobre as plantas medicinais ainda não tinham o status que ocupam nos dias de hoje, fica, de certa forma, mais fácil de entender o comportamento acusatório do antagonista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

### **LITERATURA E CIÊNCIA EM BUSCA DE UMA OBRA MIMÉTICA**

Erich Auerbach (2004, p. 499) “tendo se ocupado na interpretação da realidade através da representação literária ou ‘imitação’” parece nos dar um dos melhores caminhos para se compreender a literatura enquanto imitação do real, conforme temos lido em diversos romances franceses e em outras línguas que o próprio Auerbach apresenta ao trazer exemplos da literatura italiana, alemã e grega, além da francesa, evidentemente. No entanto, essas reflexões seguem além do

filólogo alemão; e, então, Lima (2003) discute como pode se romper com modelos estabelecidos para que a obra seja vista dentro da estrutura social como parceirada sociedade.

Retomando a noção de partida e nesse sentido, tal noção é fundamental para as nossas reflexões que colocam a prática da cura pelas plantas como uma realidade ficcional imitando a sociedade antilhana do início dos anos setenta. Assim, o romance em estudo representa o comum que dá a mimeses à obra, conforme tratamos nos início deste artigo? Na realidade, o que Télumée fazia era um uso racional de plantas medicinais, sendo, portanto, mal interpretada e, por isso, vista como a feiticeira das plantas ou, sob os bons olhares, a milagreira.

Ora, se ainda hoje se tem essa visão, o que dizer de décadas atrás, quando os resultados científicos das ciências relacionadas às plantas ainda não estavam bem estruturadas? Assim, firmamos os laços entre a ficção e a imaginação, lugar no qual a ficção carece buscar na realidade recursos para dar força e verossimilhança aos fatos.

Se o que caracteriza um texto literário é a mimeses ou a verossimilhança, o fato é que ambas as ideias confluem para afirmar que uma obra literária deve, indispensavelmente, ser representação do verdadeiro, podendo ir muito além das limitações do real (COMPANHON, 2012). É nesse âmbito que a nossa reflexão ancorou, uma vez que discutimos, ora à luz das ciências biológicas, ora à luz da literatura, como fatos da ficção são explicados pela ciência, determinando assim, a verossimilhança de uma obra. Assim, retomamos, então, o filósofo Morin (1993) que não aceita que o conhecimento seja compartimentalizado, uma vez que o que existe é a complexidade dos fatos, neste caso, cabendo, de modo evidente, à nossa análise.

Para concluir, gostaríamos apenas de ressaltar o alto valor da produção literária de da guadalupense Simone Schwarz-Bart, uma escritora que registra a elementos culturais advindos de seus ancestrais africanos, como o uso de plantas na cura de enfermidades. Dessa forma, encontramos a obra literária com seu efeito de muito além do real, embora, a arte literária seja uma imitação da vida, ela não se limita a isso, podendo superar, e muito, a própria vida. E esse poder está na palavra.

No caso do romance que lemos, de língua francesa, escrito por uma guadalupense, uma africana de diáspora, há um elemento que é fundamental,

agregando ainda mais valor à obra, uma vez que é a partir do uso da língua francesa (a língua da “imposição” do colonizador) que toda a narrativa é feita. Mas, a escritora sanciona o poder da língua não como aquela da imposição, mas, como a língua da experiência. Da experiência da relação com as palavras.

Nesse sentido, cabe-nos apenas entender a língua francesa como a língua da partilha e para isso, apoiamo-nos no também antilhanos Édouard Glissant, quando diz Que “Se a língua francesa me tivesse sido proposta ou imposta (tentaram, é verdade) como a única experiência de seu espaço tradicional, eu não teria sido capaz de exercê-la. Uma língua é melhorada para permitir que tracemos nossa linguagem: a poética de nossa relação com as palavras”<sup>6</sup>.

### AN ANTILLEAN NOVEL AND HERBALISM: MAGIC OR CULTURAL PRACTICE

#### ABSTRACT

Literature viewed as a cultural record of a certain society is gaining more and more space nowadays, especially in the area of cultural studies. In fact, the literary work, with its traits of reality, occupies a privileged place in this area. However, not much has been pondered over regarding the real and imaginary features of the literary work, because it is a subject which seems already settled, since we know that the literary work is a reflection of reality; or would it be the contrary? With these reflections in mind, we look into a guadalupian novel that portrays, in literature, a socio-cultural practice in the Antillean region. *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, written by Simone Schwarz -Bart is a sort of narrative in which the social practice of healing by means of herbal medicine is very significant, and brings forth another issue more closely linked to the relationship between fiction and reality. Thus we seek to discuss this healing under a present-day perspective by highlight the literary work as an element which becomes responsible for giving veracity to fiction. This study contains reflections both in the field of health sciences and in the relationship between literature and reality. Through it, we emphasize the value of literature as a primarily socio-cultural vehicle.

Keywords: Cure. Socio-cultural. Antilles. Simone Schwarz-Bart.

<sup>6</sup> *Si la langue française m'avait été proposée ou imposée (on a essayé il est vrai) comme le seul vécu de son espace traditionnel, je n'aurais pas pu y exercer. Une langue se rehausse de permettre que nous y tracions notre langage : la poétique de notre rapport aux mots.* (GLISSANT, 1997, p. 86).

## REFERENCIAS

- AITA, M. **Simone Schwarz-Bart dans la petique du réel merveilleux**: essai sur l'imaginaire antillais. Paris: Harmattan, 2008.
- AJAC, B. Introduction. In: FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Paris: Flammarion. 1986. p. 5-50.
- AUERBACH, E. **Mimesis**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 5ª ed. 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 136p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica – Plantas Mediciniais e Fitoterapia na Atenção Básica**. Ministério da Saúde, 2012. 154p.
- CASTRO, M.S.A. **Farmacologia de Produtos Naturais e Plantas Mediciniais**. In: FRANCISCHI, J.N. A Farmacologia em nossa vida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.15-135.
- COMPAGNON, A. *Literatura pra quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. EDUUFMG. Belo Horizonte. 2012.
- CONDÉ, M. *La parole aux femmes*. Paris: L'Harmattan. 1993.
- GAGNEBIN, J.-M. do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Revista Perspectiva*. vol.16. São Paulo, 1993. p. 67-86.
- GLISSANT, E. *La Poétique de la relation*. Paris : Gallimard, 1997.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2002. 414p.
- KLAASSEN, C. *et al. Casarett & Doull's Toxicology: The Basic Science of Poisons*. New York: McGraw-Hill, 2013. 1.454 p.
- LIMA, L. C. *Mimesis e modernidade: forma das sombras*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2ª ed. 2003.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Piaget. 1991.
- OGA, S.; CAMARGO, M. M. A.; BATISTUZZO, J. A. O. *Fundamentos de Toxicologia*. 4ª ed. São Paulo: Atheneu Editora, 2014. 685 p.
- OLSON, K. R. *et al. Manual de Toxicologia Clínica*. 6ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. 813 p.
- SCHWARZ-BART, S. *Pluie et vent sur Télumée Miracle*. Paris: Seuil. 1972.